
O PENSAMENTO “FRACO” E A ESQUERDA BRASILEIRA: ENTREVISTA COM O FILÓSOFO ITALIANO GIANNI VATTIMO

THE "WEAK" THOUGHT AND THE BRAZILIAN LEFT SIDE: INTERVIEW WITH THE ITALIAN PHILOSOPHER GIANNI VATTIMO

Gianni Vattimo¹, Francesca Dell’Olio², Khalid Bashe Mihka Tailche³, Andrea Antonietta Cotrim Silva³

¹ *Universidade de Turim (UNITO), Torino, TO, Itália*
convattimo@gmail.com

² *Universidade de Pádua, Pádua, PD, Itália*
francesca_dell@hotmail.com

³ *Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil*
khalid@usp.br; cotrim.andrea@gmail.com

Entrevista concedida em novembro de 2018

Em entrevista, o filósofo italiano Gianni Vattimo fala sobre a política brasileira das últimas décadas e aponta novos caminhos.

No seu livro “Hermeneutic Communism” (VATTIMO; ZABALA, 2011), o senhor traz como exemplo o Brasil de Lula como um caso de sucesso do comunismo fraco. Considerando que o senhor é filósofo e político, como explica o que está atualmente acontecendo com a esquerda no Brasil e na América Latina? Como pensar a atuação de uma política de diálogo com posições fortes e violentas?

Gianni Vattimo – A gente pegou esse socialismo sul-americano como modelos e eu conheci pessoalmente o Lula, mas não sou um ideólogo do lulismo. Mas, com certeza, do ponto de vista do resultado que produziram, os programas como “Fome Zero” etc. foram fundamentais. A de Lula é uma política fraca? Digamos que tendo como objetivo a redução da pobreza extrema que tinha no Brasil na época dele, foi com certeza uma política que a filosofia do *pensiero débole* abraçaria. Enquanto que impor o desenvolvimento econômico a qualquer custo implica uma violência que um debilista não aceita. E eu insiro essa questão em uma expectativa geral, político-cultural a respeito da América do Sul. Eu escrevi um pequeno texto para uma palestra que eu dei no Equador intitulada “A América Latina como o futuro da nova Europa” porque, efetivamente, o que impede o desenvolvimento da subjetividade política da Europa é o peso do mundo anglo-saxônico e o mundo anglo-saxão não significa só o sotaque britânico, mas implica o capitalismo, o racionalismo, organizações totalitárias, a exploração, e assim por diante.

O que aconteceu na América Latina nas últimas décadas com a resistência do Castro e a subida de Chávez, na Venezuela, do Lula, no Brasil, de Cristina, na Argentina, de Correa, no Peru? Já fui à Venezuela várias vezes. Apaixonei-me pelo discurso do socialismo bolivariano e, ao final, pensei que a política mundial podia se beneficiar de uma presença forte, alternativa ao mundo capitalista por parte da América Latina. E, com

certeza, Lula prometia tudo isso. E também a Cristina tentou fazer isso e, agora, as coisas já não vão tanto nesse sentido.

E o que o senhor pensa sobre a esquerda depois de Lula?

G.V. – Eu acho que o problema é que a economia norte-americana, a economia capitalista, nesse momento, vence, primeiramente, por razões militares. Os Estados Unidos espalharam as bases militares deles na América Central: Honduras é praticamente uma colônia estadunidense; a Colômbia está quase lá; tem toda uma resistência do velho sistema capitalista que sobe e desce. Então, a gente se pergunta por que Chaves perdeu as eleições na Venezuela, a Cristina, na Argentina? Porque esses regimes são martelados de fora, são enfraquecidos. Se, por exemplo, em um determinado momento o comércio internacional para de exportar papel higiênico para a Venezuela, eles não o encontram mais, ou seja, é difícil construir o socialismo em um único país e já vimos isso na Rússia. Portanto, eu acho que existe um sistema capitalista tardio que se defende muito e defendendo-o, torna-o provavelmente mais violento. Por exemplo, isto implica a militarização de algumas áreas e implica um retorno a uma corrida armamentista, todas essas coisas das quais se fala pouco. E, especialmente, implica em manter a situação mundial em uma condição de incerteza. Por exemplo, a unificação da América Latina do Chaves e o Mercosul, dentre outras coisas, não é do agrado do mundo capitalista porque se torna um poder alternativo. Mas eu continuo acreditando nesses estados que têm recursos, democracias jovens, povos mais jovens porque não são tão ligados a uma tradição de burguesia local. A burguesia local na Venezuela, e talvez também no Brasil, sempre foi um agente da burguesia capitalista ocidental, tanto que eu que sempre pensei que a identidade nacional fosse um mito para liquidar, vejo, porém, que na América Latina, a reivindicação da própria identidade, o pachamama¹, por exemplo, é uma forma de resistência à colonização capitalista, pois também reivindica culturalmente essas coisas.

Eu acredito que a experiência como aquela de Chávez se baseie muito em um sentido de comunidade que é mais típico de um país como este do que dos Estados Unidos. Então, há uma quantidade de boas razões para esperarmos mudanças. De fato, eu acho que estamos em uma fase que podemos definir “de refluxo” que não se sabe quanto tempo vai durar. Eu não sou muito otimista porque, com todo esse mito da globalização, do comércio... A globalização é necessariamente um regime opressivo; isto é, se você globaliza, tem de controlar e para controlar, você tem de interceptar e fazer outras patifarias que estão fazendo os agentes norte-americanos.

Então, o que dizer? Estou convencido de que pregar o “pensamento débole”, que é efetivamente uma coisa simples, contudo, contribui para transformar a cultura agressiva, competitiva, capitalista que conhecemos até agora e que, nos tem sido, continuamente, imposta para uma cultura mais cristã, mais respeitosa do outro, mais democrática. Mas, tudo isso tem também um preço.

¹ Divindade andina ligada à terra e à fertilidade. Por extensão, discurso ambientalista de alguns países da América do Sul.

Eu confio nas democracias da América Latina até por terem tido líderes carismáticos. Naturalmente quando voltava da Venezuela e falava bem do Chávez, todos me questionavam, uma vez que ele era um chefe de estado militar. No entanto, em momentos de profunda transformação, isto é, de passagem do capitalismo a uma forma de socialismo, há preços que temos de pagar, de sacrifícios, de esperar, de não ter logo todas as mercadorias à disposição e esses ônus se pagam com mais vontade se há uma figura carismática, imagina, por exemplo, se não tivesse tido Castro em Cuba ou veja o Uruguai com o seu senhor presidente. E também por isso tenho a percepção mais positiva do que se esperaria da situação latino-americana.

O que você pensa a respeito dos escândalos de corrupção que surgiram neste tempo no Brasil?

G.V. – A corrupção é uma das formas típicas de destruição dos regimes, e nem precisamos comentar sobre isto no caso da Itália. Vejo muito bem que o liberalismo se coloca em contraste com o estatismo socialista pelo fato de que, no segundo, a corrupção triunfa. E tendo de intervir para mudar as relações de poder econômico, com certeza, existem aspectos e momentos nos quais o regime socialista parece ser a pior coisa possível. Precisamos, porém, dizer que boa parte do discurso sobre a corrupção faz parte daquelas pressões que vêm de fora que destroem, corroem. Eu penso dessa forma, mas entendo que a corrupção floresça mais lá onde a política não é um discurso comum. Na Itália, por exemplo, a corrupção pode fazer o que bem quiser porque as pessoas não vão mais votar e, de igual modo, não têm uma forma de controle de base, não têm a formação de uma classe dirigente. Isso é fatal? Com certeza é um dos males da democracia. Quem ganha as eleições nesse contexto? Quem tem mais dinheiro! E quem dá dinheiro para ele? Aqueles que têm dinheiro e que, com certeza, não querem mudar o *status quo*. Portanto, como dizia Churchill, a democracia é uma imundície, só que por enquanto é o melhor de todos os outros regimes.

Poderia se pensar, então, em uma democracia “fraca”?

G.V. – Existe uma “democracia débole” em algumas coisas que são feitas na América do Sul, como por exemplo, aquele tipo de consulta popular que aconteceu também no Brasil²; o suscitador das democracias locais e a esperança do Chavismo na Venezuela são sinais de que as municipalidades, ou seja, os poderes locais se organizam. E, ao final, este é o remédio à esterilidade da democracia como acontece aqui. Por exemplo, nos Estados Unidos, 50% do eleitorado não vai votar, a metade dos 50% restantes vota para presidente. Isso significa que o presidente do país mais poderoso do mundo é eleito, no máximo, pelos 25% da população. Existem, pois, todos esses problemas em aberto para os quais eu só vejo como solução uma tentativa ético-religiosa de intensificar a participação política. A democracia não é uma forma de regime que se estabiliza e pronto! É uma forma de diálogo diário, e quem sabe o que pode acontecer...

² Vattimo se refere ao referendo sobre a proibição da comercialização de armas de fogo e munições ocorrido em 2005.

Como podemos atuar na formação de um cidadão crítico?

G.V. – Pensando a pergunta como possibilidade de que mais pessoas tenham instrumentos culturais para se expressar, a questão pode ser pensada como o que fazemos com a web. Porque, efetivamente, hoje, na web, cada um pode produzir conteúdo e eu mesmo, que sou um tradicionalista que tinha se acostumado a escrever em jornais, agora, pelo fato de ter me tornado um radical, os jornais não querem me publicar mais. Então, não escrevo mais em jornais. Eu tenho um blog, mas não me dá vontade de escrever no blog, não me lembro, é como escrever uma carta a um amigo. Embora, eu saiba muito bem que um blog funciona mais que um jornal porque os jornais nem são mais lidos. O que eu quero dizer é que há um meio que, enquanto não está totalmente a serviço do poder, em parte já o é; estou convencido de que precisamos multiplicar os centros de criatividades, que cem flores floresçam, como dizia o Mao porque, hoje em dia, existem muitas possibilidades inovadoras. Todavia, tem uma contradição interna do sistema porque tudo aquilo que cria o pano de fundo de novas manifestações criativas é também aquilo que impõe o controle. Há um ensaio do Nietzsche sobre o qual trabalhei muito que trata da utilidade e do dano da história para a vida (Nietzsche, 2005).³

Nesse ensaio, Nietzsche diz que o discípulo do Heráclito não só não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, mas nem sequer uma vez, porque tudo passa. Vendo que tudo passa, ele nem se mexe, ou seja, perde a capacidade criativa porque não pode mais esquecer nada. Somos bombardeados por conteúdos. Eu creio que, nesse momento, a luta para afirmar a criatividade poderia ser aquela de levar a revolução através da rede. Por exemplo, eu era amigo de dois representantes dos piratas suecos do parlamento europeu. E foi muito interessante pelo fato de ser muito difícil limitar os conteúdos, de tanto que podem ser pirateados. É uma contradição que teria de fazer cair a ideia capitalista de propriedade porque se é tão difícil controlar a troca de pessoa para pessoa (peer to peer), na rede, isto significa que os novos meios de produção impõem uma mudança nas relações de produção. De fato, a polícia que tenta reprimir a troca de conteúdos sem ter que pagar os direitos autorais empreende ameaças gigantes sabendo que não vai conseguir realizá-las. Eu vejo que agora existem mais possibilidades de produção com formas alternativas, revolucionárias, não capitalistas, na rede. Mas, para isso, é preciso que muitas pessoas sejam capazes de utilizá-la.

Como estava dizendo, é o mesmo discurso sobre a participação política. Enquanto não se rompe um pouco a camada de neutralização na qual estamos, por alguma razão que pode ser até uma crise, porque, realmente, todos estamos inseridos em um sistema no qual não pode acontecer nada. Desse modo, precisamos fazer acontecer, produzir. O papa pregou *hacer lio* que, em espanhol, significa “fazer bagunça”, ou seja, importunar e, eu acho, que essa é a única esperança: multiplicar os centros. Eu, por exemplo, estou muito engajado, politicamente, na luta contra o TAV (trem de alta velocidade) Turim-Lion

³ Von Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben.

porque são coisas concretas contra as quais precisamos resistir, criar desordem. A única coisa contra a imobilização tecnocrática é criar desordem. Mas, obviamente, alguém pode perguntar: “Mas você está lá sentado na sua poltrona com a sua televisão. O que você me diz?”, “Eu provoço a pouca desordem que eu consigo fazer!” Se cada um fizesse mais desordem ...

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, F. **Segunda consideração Intempestiva**: Sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. *In*: Escritos sobre a história. Rio de Janeiro: Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

VATTIMO, G.; ZABALA, S. **Hermeneutic Communism**: From Heidegger to Marx. New York: Columbia University Press, 2011.

Sobre os autores

Gianni Vattimo

Graduou-se em Filosofia, em Turim. Especializou-se em Heidelberg, Alemanha. Foi professor de Estética e de Filosofia Teorética, na Universidade de Turim e professor visitante em várias universidades dos Estados Unidos. Trabalhou em programas culturais da RAI. É diretor da *Rivista di estetica*, membro de comissões científicas de vários periódicos italianos e estrangeiros e correspondente da Academia de Ciência de Turim. Escreve para o semanário *L'Espresso*, para o diário *La Repubblica* e *La Stampa* sobre política e cultura. É Doutor Honoris Causa das Universidades de La Plata, Palermo e Madrid. Atualmente, Vattimo se ocupa da ontologia hermenêutica, entendida como o enfraquecimento das categorias ontológicas. Ele contrapõe o pensamento fraco, uma forma de niilismo, às categorias de pensamento forte, baseadas na revelação cristã, no marxismo e outros sistemas ideológicos.

Andréa Cotrim Silva

Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo, possui licenciatura em Português, Francês e Inglês. Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela FFLCH- USP, estuda as implicações do cinema em sala de aula, em especial, as produções que concernem questões raciais e de gênero. Em seu mestrado, pela mesma instituição, realizou estudos sobre narrativas e identidades no cinema, multiletramentos, multimodalidade, cultura visual e letramento crítico. É professora do Instituto Federal de São Paulo e professora titular de Letras na Universidade Paulista (UNIP), onde ministra aulas de Cultura e Literaturas de Língua Inglesa.

Khalid Basher Tailche

É doutor em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo, mestre em Literatura árabe pela USP e Bacharel em Literatura inglesa pela University of Bagdad. Tem pós-doutorado em Literatura Comparada, com duas bolsas de pesquisa pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), 2013-2015: *Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV), Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo (USP). *Gallatin School of

Francesca Dell'Olio

É doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e em Educação pela Universidade de Pádua, mestre em Línguas Modernas para a Comunicação e Cooperação Internacional pela Universidade de Pádua e graduada em Disciplinas da Mediação Linguística e Cultural pela mesma universidade. Atua no ensino de línguas estrangeiras e no sistema de acolhida de migrantes na cidade de São Paulo. Na sua recente pesquisa de doutorado, buscou refletir sobre os encontros interculturais em contextos migratórios, com